
Artigo de Relato de Experiência

Caixa preta: o uso de metáforas para tratarmos temas delicados

Black box: the use of metaphors to treat gentle themes

Caja negra: el uso de metáforas para tratar temas gentle

 <http://dx.doi.org/10.18316/sdh.v7i13.3491>

Marília Ávila de Freitas Aguiar^{1*}, Eduardo Carlos Tavares², Gláucia Rezende Tavares³

RESUMO

Contextualização: Nos acidentes aéreos a abertura da caixa preta é fundamental para esclarecer o ocorrido. Da mesma forma, o abrir da Caixa Preta metafórica, proposto neste relato, lida com a complementaridade de temas delicados, desafiantes e inquietantes numa articulação lúcida e reflexiva. **Objetivo:** Estimular a reflexão sobre temas delicados de forma sensível, criativa, não impositiva. **Metodologia:** A ideia de Abrir a Caixa Preta é oferecer uma sequência de imagens animadas e metafóricas, associadas a algumas palavras chave, convidando a uma interação reflexiva sobre temas delicados, em especial

a fragilidade e terminalidade da vida. Em um primeiro momento são apresentadas imagens e palavras que trazem uma carga emocional negativa, que vão sendo colocadas dentro de uma caixa virtual e essa fica escura, pesada e se fecha. No segundo momento são mostradas imagens e palavras complementares aos temas tratados, sugerindo leveza e uma nova maneira de encarar os desafios da vida. **Resultado:** Nossa experiência com essa forma de abordagem trouxe resultados significativos, que ajudaram pessoas a enfrentarem com sucesso suas dificuldades ao lidar com temas delicados, como demonstrado nas declarações pós-participação. **Conclusão:** Parece-nos que a utilização de metáforas, organizadas na forma proposta, é de grande valia, como coadjuvante do processo de elaboração de transtornos secundários aos traumas emocionais.

Palavras-chave: Terminalidade; Morte; Luto; Tanatologia.

ABSTRACT

Context: In a plane crash the opening of the Black Box is fundamental to clarify what happened. Similarly, the opening of the metaphorical Black Box, proposed in this report, deals with the complementarity of delicate, challenging and disturbing themes in a lucid and reflexive articulation. **Objective:** The objective is to encourage reflection on sensitive issues in a sensitive, creative, non-taxing way. **Methods:** The idea of Opening the Black Box is to offer a sequence of animated and metaphorical images, associated with some key words, inviting a reflexive interaction on delicate subjects, especially the fragility and terminality of life. In the first moment images and words are

¹ Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais - Instituto de Pós-Graduação Ciências Médicas de Minas Gerais. Coordenadora dos cursos de especialização em Psico-oncologia e em Cuidados Paliativos.

² Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais - Instituto de Pós-Graduação Ciências Médicas de Minas Gerais. Professor do curso de especialização em Cuidados Paliativos.

³ Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais - Instituto de Pós-Graduação Ciências Médicas de Minas Gerais. Coordenadora do curso de especialização em Cuidados Paliativos.

***Autor correspondente:** Rua Carangola, 105/204, Belo Horizonte/MG – Brasil. CEP: 30330-240

Email: mafaguiar10@gmail.com

Submetido: 17/01/2017

Aceito: 20/08/2019

presented that bring a negative emotional charge, which is placed inside a virtual box and this becomes heavy and closes. In the second moment are shown images and words complementary to the subjects treated, suggesting lightness and a new facing the challenges of life. **Results:** Our experience with this approach has brought significant results, which have helped people successfully address their difficulties in dealing with sensitive issues, as demonstrated in the post-participation statements. **Conclusion:** It seems to us that the use of metaphors, organized in the proposed form, is of great value, as an adjunct to the process of elaboration of disorders secondary to emotional trauma.

Keywords: Terminality; Death; Mourning; Tanatology

INTRODUÇÃO

“Olhar para a morte conhecê-la, entendê-la, aceitá-la, para finalmente compreender a sua importância, nos mostrará as suas qualidades, fazendo-nos entrar em contato com algo que é essencial à vida”. (Hirano,2008)

A caixa preta da aviação, como a conhecemos hoje, foi desenvolvida na década de 1950, nos primórdios da aviação a jato, por David Warren, um inventor australiano. A aviação inglesa foi a primeira a utilizar a caixa preta, composta por duas partes, uma que grava o que se fala na cabine e a outra que grava os dados técnicos da aeronave. Esse artefato é o que permite reviver o momento do acidente. As caixas são feitas de aço inoxidável e titânio, capazes de suportar grandes impactos, ficando alojadas na cauda dos aviões. Recebem o nome de caixa preta a despeito de serem pintadas de cor laranja.

O termo caixa preta é também utilizado como uma metáfora sempre que nos referimos a algo que existe, sabemos que existe, porém só acessamos em situações de crise, como nos acidentes aéreos. Também utilizamos essa metáfora quando estamos diante de temas difíceis de serem digeridos e abordados. É composta pelos segredos e pelas situações que ainda não se consegue admitir e conversar. Assim como no caso dos aviões, só vamos ter acesso diante de um acidente¹.

A nossa proposta de abrir essa “Caixa Preta” visa oferecer meios para se refletir sobre a

complementaridade da vida com a morte em uma articulação serena e reflexiva.

A nossa finitude caracteriza-se como um dos temas mais delicados e complexos. Somos expostos a esta condição por meio ou de uma doença grave, pelo adoecimento de alguém do convívio e pelos diversos processos de morrer, pelas perdas, pela morte e pelos lutos. Essas experiências fazem parte da vida e do real tanto para quem está no processo como para quem acompanha, como os familiares, os profissionais de saúde e do cuidado que têm como ofício lidar com essas circunstâncias.

Vivemos em uma cultura entorpecida pela negação coletiva da morte. Há uma paralisia diante da fragilidade humana inibindo a consciência do impacto e da intensidade emocional diante da dor, da doença e da morte. Entretanto, não há como negar a morte. A doença não é um castigo cuja punição é a morte. Nossa tendência humana é a de fugir, negar ou nos paralisar diante de nossa vulnerabilidade, o nos que nos fragiliza mais e nos impede desenvolver repertório para buscarmos soluções possíveis ou meios mais elaborados para lidar com este desafio. A despeito da tentativa de negar, ocultar e dissimular, tais experiências não desaparecem, ficando armazenados, construindo o que chamamos de depósitos nas nossas caixas pretas².

Não se tem previsibilidade de um acidente aéreo e nem do impacto de fatos desafiadores. Contudo, podemos escolher se nos manteremos alienados às circunstâncias, ajudando a sobrecarregar as nossas caixas pretas ou se abriremos a caixa de acúmulos e de resistências para lidarmos com a vida e com o real, de uma forma delicada, gradual e lúcida.

A proposta de abrir a caixa preta é nos valer de uma comunicação metafórica, oferecendo a possibilidade de construção de vários significados, de acordo com as circunstâncias. A metáfora é uma das mais poderosas formas de comunicação pelo seu poder de sensibilizar e atenuar resistências, permitindo que cada pessoa assimile o que lhe for possível, facilitando o olhar sobre temas tabus, acessando de maneira lúdica, portanto, pouco ameaçadora, permitindo lidar com os segredos e as proibições.

Fundamentação teórica

Colocar a morte de forma antagônica à vida implica em adotar uma posição ilusória, que se desdobra no pensamento delirante, alimentando a ideia de imortalidade. Walsh e McGoldrick³ afirmam que o medo da morte é o nosso terror mais intenso e a perda de um ente querido nossa tristeza mais profunda. Ressaltam a necessidade do reconhecimento compartilhado da realidade da morte e a experiência comum de perda.

As mudanças são referenciais reais, entretanto as transformações mal assimiladas geram angústia e ansiedade. A vida muda as nossas vidas. “A transformação se dá a partir de uma reflexão consciente. É o reconhecimento da dor que nos direciona para a busca da aceitação. Enquanto não aceitamos a realidade, ficamos impotentes para agir. Deixar de aceitar a realidade é negar que podemos fazer escolhas que façam sentido. Quando escolhemos não escolher, vivemos à revelia e nos tornamos vítimas e/ou algozes das circunstâncias”⁴.

Diante dos riscos e perigos inevitáveis da caminhada existencial podemos articular nossos medos e nossa coragem para enfrentá-los. O desafio é sair da nossa tendência evitativa e nos colocar como copartícipes dos eventos que nos cercam. Mesmo diante de obstáculos, turbulências, perdas, morte e lutos podemos acionar a oportunidade de sairmos fortalecidos, ampliar nossa consciência, coerência e consistência, evoluindo e validando a qualidade de vida, lidando adequadamente com os limites.

Uma significativa tarefa terapêutica é investir na coesão e na flexibilidade de todas as pessoas envolvidas no contexto de vulnerabilidade. Constitui-se um sistema composto pela pessoa que está gravemente enferma, pelas pessoas envolvidas emocionalmente com o doente, com os familiares, com os profissionais de saúde e do cuidado. Abrir conversações com todas estas pessoas tende à reorganização das interações, além do investimento em outras relações e projetos de vida⁶.

As limitações são consideradas barreiras intransponíveis, percebidas e tratadas como absolutas. Estar aberto a novas possibilidades requer o questionamento para além dos limites, considerando-os relativos, integrados aos recursos disponíveis a cada circunstância. “Manter a mente

clara ou aberta é o resultado do caminho onde fé, disciplina e mérito estão articulados”⁷.

Abrir a Caixa Preta é o convite para uma viagem a temas desafiantes e inquietantes. Visa lidar com o mistério, com o silêncio e com a fertilização do vazio, repleto de possibilidades. Integrar a mítica caixa de Pandora à abertura da caixa preta é um espaço-tempo para se buscar entendimento, integração com o tema morte, que culturalmente colocamos sem luz, no escuro, no escondido. Apoiar-se no uso de metáforas que permitem que cada pessoa assimile o que lhe for possível e conveniente ao seu momento. Por meio da simbologia de palavras chave, fornece-se a possibilidade de novas percepções, emoções e ações¹. Oferece-se meios para ir além do tabu da terminalidade, que bloqueia a comunicação e o autodesenvolvimento no contexto das situações-limite. A sugestão é favorecer a adoção de uma atitude saudável no reconhecimento da nossa condição de impermanência. O convite é para introduzirmos a conversação sobre o tema, com abertura de novas possibilidades, em atitude interativa e complementar.

Trazer esses temas à baila é se permitir ultrapassar as barreiras do medo de ter medo, da rigidez, da obstinação e da negação da negação, que se colocam diante dos inevitáveis desafios que nos compõem. O objetivo passa a ser o favorecimento de reflexões na articulação entre os limites e as possibilidades diante da vulnerabilidade, facilitando a adaptação saudável à perda. As transformações podem ser coconstruídas, com criatividade, leveza e sensibilidade no lugar das paralisias, dos sofrimentos e das queixas diante dos obstáculos. Conversar sobre as adversidades, de forma leve, criativa e realista, pode prevenir padrões paralisantes de sofrimentos transgeracionais.

Quanto mais se amplia a consciência sobre como influenciamos as energias à nossa volta, mais podemos participar do que nos acontece. Embora não tenhamos controle sobre os episódios em nossas vidas, podemos escolher como vivenciamos cada circunstância. Mesmo os eventos mais sofridos podem ser percebidos como valiosas lições se nos dispomos a aprender com eles⁸.

A ampliação de consciência é um exercício de conexão com o presente, que está sempre

mudando, evoluindo e transcendendo, não se colocando cativo do passado e não temendo o futuro. Integra a objetividade e a subjetividade das relações e das informações. Há disponibilidade para experimentar as contínuas novidades, organizando e permitindo o acesso à sabedoria intuitiva, inocente, diferente de ingênua. Há o reconhecimento que o caos é o primeiro passo do processo criativo. Caos e ordem, caos e imaginação, vida e morte. O caos tem um namoro ostensivo com a linguagem, com o simbólico. O ato criativo consiste na articulação da imaginação com o caos.

“Para integrarmos nossos sonhos e desejos à vida, mesmo diante do mistério da morte, que se mostra como caos em nossas vidas, é que podemos contar com a imaginação e fazer ajustes criativos. A imaginação articulada à criatividade muda a forma de perceber a realidade”⁶.

Mais do que o contato com as fragilidades, a possibilidade da morte nos coloca diante de nós mesmos, de maneira inexorável. Começamos fazendo de contas que não é com a gente, que não estamos vendo. Vamos dourando a pílula, pois em muitos momentos não sabemos o que fazer. Esta atitude é semelhante à da criança que brinca de *fazer de contas*, tampando os olhos. É a brincadeira de esconde-esconde. Se esta atitude se perpetuar, vira problema, fica pesado. O endurecimento se manifesta pela rigidez em admitir fragilidades. Fazer de contas é fugir do enfrentamento, reprimir sentimentos. Orientado pela premissa irracional de que não há jeito, passa-se a criar um mundo ilusório, desconectado do real e da vida, fazendo de contas que está tudo bem.

Há o acirramento da negação e da dissimulação. Nega-se que se está negando. A ilusão é que se deixar de falar sobre a finitude da vida, a morte deixa de existir. Nossa cultura está entorpecida pela negação coletiva da morte, o que nos paralisa diante da fragilidade humana, inibindo a consciência do impacto e da intensidade emocional diante da dor, da doença e da morte.

“A negação coletiva da morte envolve uma série de perdas na qualidade de vida psicológica, decorrentes de degradações mentais, cujos prejuízos recaem sobre as relações do sujeito com sua própria interioridade, com a vida comunitária e com o ambiente em geral.”⁹.

Nessas condições, uma *confusão* enorme vai tomando conta, escurecendo o ambiente, empobrecendo o contato com o real e a possibilidade de biodigestão. A caixa preta vai sendo sobrecarregada com uma carga emocional não elaborada e um padrão irracional de funcionamento. Um universo desconectado, imaginário e alienado vai sendo criado.

Este é um momento de intensa *confusão*, onde não há diferenciação entre as pessoas e os acontecimentos. Há a perda de limites, um embolamento, perdendo-se as referências do que é próprio e do que é do outro. Há uma tendência à invasão, alimentando a certeza de saber o que é bom para o outro. Outra possibilidade é abandonar, acreditando-se que não tem mais nada a ser feito. Perde-se o senso de proporção, perde-se o “fio da meada”.

As perspectivas vão ficando cada vez mais *sombrias*, à medida que as opções vão escasseando. A ilusão vai se alimentando de fantasmas e imaginação catastrófica. O *prognóstico sombrio* abala a ilusão de controle sobre tudo. A possibilidade de se estar no melhor centro de tratamento, sendo acompanhado por profissionais com os melhores títulos não impede a impermanência.

Emoções que não são digeridas e são silenciadas levam à desconexão e ao adoecimento físico. Nos mais variados contextos, são praticamente inexistentes, as conversas honestas e sinceras, marcadas pela coragem de romper o silêncio coletivo diante dos limites da vida. As angústias reprimidas são prisioneiras da *conspiração do silêncio* intransigente, onde se excluem conversas sobre a continuidade ou não de procedimentos e técnicas terapêuticas. Diante da eminência da morte de um paciente torna-se impensável discutir sobre a terminalidade. As pessoas se agrupam para conspirar contra as evidências. No lugar da percepção de conjunto, passa-se a adotar posturas excludentes. A fragilidade passa a ser tratada como nada a se fazer, levando à crença de contexto fora de possibilidades terapêuticas. “A morte coletivamente negada não pertence a ninguém, é finitude anônima, perigo sem nome, dor calada e desespero sem fala”⁹.

A questão da negação coletiva da morte apresenta correspondência com os padrões

arquetípicos dominantes. Temos, no imaginário contemporâneo coletivo, a figura central do herói, Hércules, como aquele que luta contra a morte, Tântatos, e domina as forças da natureza, interrompendo ou revertendo o processo de envelhecimento. Não é por acaso a supervalorização de alguns projetos “hercúleos” da biologia molecular e da nanotecnologia².

Há, em geral, a negação do processo terminal, a confusão entre a ideia de morte e a ideia de doença, além da recusa em aceitar o declínio das capacidades físicas e a *falência dos órgãos* de uma pessoa fora de condições de cura. A distanásia se configura como a materialização da negação coletiva da morte, levando ao prolongamento fútil do processo de morrer¹⁰.

Há o *aprisionamento a crenças*, aos mitos, aos tabus, rompendo com a capacidade de captar, receber e aceitar a qualidade de se aventurar no desconhecido, pesando mais ainda a caixa preta. O aprisionamento que isola, separa e exclui provoca *falências múltiplas*. Há obstrução das interações consigo, com os outros e com a vida. A tensão derivada da ausência do sentido propicia estranhamentos e perplexidades diante de tudo que ameaça, fira, rompa, contrarie a polarização da vida, como possibilidade absoluta, e da morte como total negatividade.

O *ar ambiente passa a ser viciado*, condicionado a padrões e mitos inquestionáveis. Passa-se a buscar as mesmas velhas soluções para os mesmos velhos problemas. Prisioneiro na e da caixa preta, só se percebe, pensa e imagina em extremos, fixados no *tudo ou nada, sempre ou nunca*. A crença é já ter-se feito de um tudo e que não adiantou nada. Nada do que se faça dá certo, nada valeu, porque perde-se tudo. Mesmo que sempre tenha dado certo, nunca tenha falhado, as coisas não correm sempre do mesmo jeito, não seguem nunca o mesmo trajeto.

A morte continua sendo um tema tabu. A entrada nessa área requer que se pague um preço, e também se apropriar dos ganhos. Vale o questionamento de alguns mitos. Os mitos são mantidos por atitudes rígidas, pontos cegos, dominados pela obsessiva performance contra a morte. Somos mortais e também a imperfeição nos constitui. A vida nos convoca a adotarmos posições humildes diante das mais diversas experiências. O *mito da imortalidade*, o *mito*

da perfeição, onde não cabe o erro, o *mito da neutralidade*, que crê passar por situações sem envolvimento. A ciência clássica preconizou que um bom profissional não deve se envolver, para poder ser objetivo, desconectado de subjetividade, nas suas condutas¹¹.

Os mitos de idealização, perfeição, verdade, neutralidade e objetividade funcionam como excesso de bagagem, sobrecarregando as nossas mentes. Enxugar o sobrepeso mental é exercitar a renúncia ao supérfluo, à arrogância humilhada ou humilhação arrogante e ter a liberdade responsável de escolher conectar-se ao que se mostra como essencial. Não é possível mudar os fatos, mas é possível adotar a atitude modesta, com a flexibilidade do peregrino no cumprimento das tarefas existenciais.

Passa-se a não distinguir o que é futilidade e o que é essencial. Dominados pela *obstinação*, que agora julgamos terapêutica, vamos *distendendo*, perdendo a medida. Há a hipervalorização da quantidade de vida, sem qualidade e dignidade. Agir de forma desmedida é impor ir até o fim, sem se deixar ser vencido pela morte, considerada desqualificadora¹⁰. Não percebemos que os tratamentos que propomos, então, são fúteis e inúteis pois, afinal para quem? Para o paciente? Mas quem é o *paciente*? Quem é este que desperta tanta impaciência, afinal por que tantas ações impulsivas, sem reflexão? Quem é o paciente, afinal?

O paciente? Está *desenganado*. O acúmulo de todas as palavras chave, apresentadas em itálico, torna a caixa preta significativamente sobrecarregada. A caixa preta agora, além de ser uma desconhecida, apresenta excesso de conteúdo não elaborado e digerido. Saturou e não se pode mais continuar desta forma. Há uma pausa reflexiva. Se um lado é se estar desenganado, outro lado é também estar enganado. Abrir a caixa preta é cuidar dos enganos. Enganamos quando apenas repetimos uma tradição, condicionada, sem questionamento e reflexão.

No mito da caixa de Pandora, depois de propor a passagem da humanidade de um extremo ao outro, o elemento que se salva é a esperança. É uma forma do ser humano ir além das dores e construir bem-estar^{12, 13}.

Abrir a Caixa Preta pode iniciar ao se admitir e expressar os *medos*, acionar a *coragem*,

favorecendo relações confiáveis, buscando *aliados* e estabelecendo *alianças*, enfrentando situações desafiadoras.

A esperança passa a ser vivida no dia a dia, no prosseguir, *tecendo confiança*, buscando *sintonia com o conjunto*. A esperança é a matéria prima para a confecção do tecido que será coconstruído em conjunto, uma vez que a experiência do outro nos faz despertar para novas possibilidades, rompendo com o aprisionamento e introduzindo *libertação das crenças e certezas*.

Atitudes transformadoras vão além dos desafios, temperadas com flexibilidade e humildade. A abertura da caixa preta pode ser o tempo de introdução de conversações e negociações. Ter coragem de romper o silêncio coletivo leva à possibilidade de escolhas compatíveis com o real e a mudança nas posturas diante da vida e da morte⁶.

Abrir a caixa preta propõe conhecer os segredos e proibições no contexto de vulnerabilidade. Propõe desvendar o que está escondido além das palavras, dos símbolos, acessando os medos cristalizados e visualizando as diversas possibilidades de coconstruir esperança. Transformar o que enrijeceu e adoeceu, em novas possibilidades de enfrentamento.

A abertura para a expressão e conscientização do próprio morrer, da família que está vivendo este percurso e da equipe assistencial envolvida neste processo é um convite para ir além da confusão e angústia, reconhecer os limites e possibilidades, articular o medo e a coragem, desdobrando-se em organização emocional e ampliação de consciência ao se dispor a construir sentido para a vida, que é finita. Incluir a mentalidade dos limites e das possibilidades na prática de profissionais de saúde, libertando a energia aprisionada na repressão dos medos da morte, do morrer e dos lutos.

Libertar a energia aprisionada na repressão dos medos dos limites, da morte, do morrer e dos lutos nos convida a irmos além do que as aparências nos apresentam. A possibilidade de abrir a Caixa Preta favorece a construção de um novo olhar e uma nova escuta diante do direito de viver a nossa finitude, a despeito do enorme investimento em intervenções terapêuticas que podem apenas estender a agonia do morrer. A ampliação de consciência em situações-limite

pode ser alcançada ao se integrar as nossas fragilidades às nossas possibilidades. Esta é uma tarefa que não se esgota e evolui continuamente. A vida é mortal e as nossas precariedades não se reduzem à impotência, podendo ser articuladas à nossa condição vital, circunstância de quem se reconhece por inteiro¹⁰.

Sucesso, prosperidade e felicidade são desdobramentos, consagrados pela determinação, pelo esforço e pelo tempo dedicado em atitude simples, sinceras e serenas no caminhar. Somos seres de passagem sobre esta terra, portanto peregrinos. O perigo se mostra quando o foco se coloca em um ponto a ser alcançado, de forma inflexível, desconectado da maneira como o caminho é realizado. Marcamos que o essencial não é o nosso destino, mas o percurso.

Considerações finais

Nossa experiência com essa forma de abordagem trouxe resultados significativos, que ajudaram pessoas a enfrentarem com sucesso suas dificuldades ao lidar com temas delicados, como demonstrado nas declarações pós-participação.

A seguir algumas transcrições, como exemplo, de opiniões formuladas durante o processo:

- “É a caixa preta mais colorida. Mudou a cor da caixa. A morte como tabu e a apresentação traz esperança. É possível tornar a morte mais digna. Dá para encarar, apesar dos medos. É extenuante, vivemos, como cuidadores, os momentos limites. Devemos nos cuidar para estar diante da situação”.
- “Ampliou minhas ideias. Há uma quebra paradigmática. É possível ter dúvidas, é possível sentir. Como estudante de psicologia escuto tantos “tem que ser forte”. Percebi que não tenho que nada. É o ser que pode... dá um alívio saber que pode sentir e expressar. Não precisa se mostrar forte. É possível se respeitar.”
- “Depois da apresentação ampliou possibilidades em termos pessoais e profissionais. Encorajou, a despeito das dificuldades e resistências.”

- “Precisamos deixar as “nossas caixas” não ficarem pretas. É um trabalho de prevenção”.
- “As imagens me relaxaram, despertaram a minha curiosidade, me envolveram e me emocionaram.”
- “A gente construiu nossa caixa preta e influenciámos as caixas pretas dos outros. Falta com-sentir, ter humanização e pensar na relação e não no isolamento. Permitted ter a consciência do todo.”
- “Ampliou minhas possibilidades para lidar com tema tão difícil”.
- “Gostei das palavras com as figuras. Fascinante”.
- “Forma lúdica de apresentar o tema.”
- “Foi um aprendizado legal. Tinha medo de não aguentar a questão da morte. Como é que o psicólogo poderia lidar com isto?”
- “Foi excepcional. O contato com os meus medos, minhas dificuldades. A gente não conversa sobre isto.”
- “ Encontrei algo diferente. A proposta foi de transformar morte em vida.”
- “As palavras que me chamaram atenção foram: possibilidades, várias maneiras sem ser feio e horroroso.”
- “Nunca a cor preta foi tão rosa.”
- “O trabalho trouxe esperança”.
- “A caixa preta foi um presente”.
- “Possibilidade de sentir, sem neutralidade. A transferência é um instrumento duro para alguém que está morrendo. Como familiarizar sem sentir? É mentira?A caixa preta abriu a possibilidade de se poder sentir e modificar as ações. Poder modificar os nossos instrumentos.”
- “A caixa preta permitiu que eu identificasse que o morrer não é um rompimento absoluto, é um processo.”
- “ A caixa preta revelou a ironia dos atendimentos. Cheguei a sentir a dor do paciente. A orientação profissional

que recebia é que teria que haver uma “certa” separação. Será que estava fazendo certo? Me sentia oprimida. Sentia a morte dos pacientes. Por que não podia? Ficava indignada.”

- “ Caixa preta – caixa de ferramentas para construção.”
- “Encontrei possibilidade leve e colorida.”

Parece-nos que a utilização de metáforas, organizadas na forma proposta, é de grande valia, como coadjuvante do processo de elaboração de transtornos secundários aos traumas emocionais.

REFERÊNCIAS

1. Marcuschi, LA. A propósito da metáfora. Revista de Estudos da linguagem,2000; 9(1): 71-89.
2. Kovács, MJ. Educação para a morte: temas e reflexões. São Paulo: Casa do Psicólogo. Fapesp, 2003.
3. Walsh, F; Mcgoldrick, M. Morte na família: sobrevivendo às perdas. Porto Alegre: Artmed, 1998.
4. Tavares, GR. Morte na vida, vida na morte: caminho possível? In: Tavares GR (org.) Do Luto à Luta. Belo Horizonte: Folium, 2014; 23-32.
5. Tavares, GR. O pesar melancólico é diferente do luto. In: Tavares GR (org.) Do Luto à Luta. Belo Horizonte: Folium, 2014; 33-9.
6. Tavares, EC; Tavares, GR. Ser (in)feliz ou ser aprendiz. In: Tavares, EC; Tavares, GR. E a vida continua... Belo Horizonte: Edição do autor, 2016; 18-84.
7. Lucca,F. Manteniendo la mente abierta: impermanencia e gestalt. In: Oddone, HR; Fukumitsu, KO. (org.) Morte, Suicídio e Luto: Estudos Gestálticos. São Paulo: Livro Pleno, 2008; 117-124
8. Tavares, GR. Conectar enlutados: do degradar ao despertar e prosseguir. In: Fukumitsu, KO. Vida, morte e luto: atualidades brasileiras. São Paulo: Summus Editorial, 2018; 232-242.
9. Verdade, MM. Ecologia Mental da Morte: a troca simbólica da alma com a morte. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
10. Gawande, A. Mortais: nós, a medicina e o que realmente importa no final. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
11. Liberato, R. O luto do profissional de saúde: a

visão do psicólogo. In: CASELATO, G. O resgate da empatia: suporte psicológico ao luto não reconhecido. São Paulo: Summus, 2015, 155-182.

12. Nascimento, CL; Borges, DL. A sabedoria dos mitos gregos. Revista Angelus Novus, 2001;2: 194-199.